

22 pág

O RATO NO MURO

HILDA HILST

Distribuído através do site www.oficinadeteatro.com

Para uso comercial, pedimos a gentileza de entrar em contato com o autor ou representante!

PERSONAGENS

Irmã Superiora

Irmã A: tem olhos arregalados

Irmã B

Irmã C: tem manchas de sangue na roupa.

Irmã D

Irmã E

Irmã F

Irmã G: muito velha. Come o tempo inteiro. Mastiga.

Irmã H

Irmã I: irmã de sangue da Irmã H.

CENÁRIO

Interior de uma capela. Paredes brancas com alguma manchas negras, como as de um incêndio. Ao fundo, uma cruz enorme, negra. No chão, a sombra de uma cruz luminosa onde as mulheres se movem. Um vitral, ou uma grande escultura representando a figura de um anjo, talvez semelhante ao “Anjo velho” de Odilon Redon, ou um anjo que dê a impressão do que nos fala Marcel Brion: “Que reste-t-il à um ange qui a perdu jeunesse et beauté, attributs de son angelisme? Ses ailes sont incapables de lê soulever et de le ramener vers le ciel, l’ange déchû est déjà envahi par la banalité, la laideur, la médiocrité”.

O cenário deve ter dois planos. É preciso que se veja o interior da capela e, ao mesmo tempo, em certos momentos, uma cerca que estaria a alguns metros de um muro que jamais se vê.

Na capela, alguns castiçais, um banco e uma pequena janela.

As freiras estão em círculo, ajoelhadas e, ao lado de cada uma, um pequeno chicote de três cordas.

A superiora está de pé, afastada das outras.

AS NOVES FREIRAS JUNTAS: Nós somos um. Nós somos apenas um. Um só rosto. Um.
(pausa)

AS NOVES FREIRAS JUNTAS (tom *salmódico*): De todas as nossas culpas, perdoai-nos. De todas as nossas culpas, salvai-nos. De todas as nossas culpas, esquecei-vos.

SUPERIORA (tom *objetivo e severo*): Hein? Como disseram?

AS NOVE FREIRAS JUNTAS (tom *cantado e agudo, em tensão crescente*): Tentai esquecer-vos, Senhor. De todas as nossas culpas, entristecei-vos.

SUPERIORA: Hein? Como disseram?

AS NOVE FREIRAS JUNTAS (tom *mais agudo, tensão crescente*): Alegrei-vos, para que nós nos esqueçamos de todas as nossas culpas.

SUPERIORA: São muitas?

AS NOVE FREIRAS JUNTAS (tom *cantante, destacando as sílabas*): Muitíssimas.

SUPERIORA: (tom *objetivo e severo*): Quantas?

AS NOVE FREIRAS JUNTAS (tom *ainda cantante, mas separando as sílabas no ritmo de um relógio*): Tan... tas. Tan... tas. Tan... tas.

SUPERIORA: De “A” a “I”?

AS NOVE FREIRAS JUNTAS (tom *cantante esticado*): Ai, sim... ai. Sim... A ...I... A...I.

SUPERIORA (bate *palmas três vezes*): Irmã A, Diga uma delas. Uma de suas culpas de hoje.

IRMÃ A (levantando-se): Hoje eu olhei para o alto. Havia sol. Eu me alegrei.

SUPERIORA: Irmã B.

IRMÃ B (levantando-se): Hoje eu olhei para baixo. Havia só terra e sombra. Eu me entristeci.

SUPERIORA: Irmã C.

IRMÃ C (levantado-se): Hoje eu olhei para dentro de mim. Havia sangue. Eu tive medo.

SUPERIORA: Irmã D.

IRMÃ D (displicente): Hoje o gato me arranhou. Eu o matei, com aquele veneno para cupins.

IRMÃ E (angustiadíssima): Você o matou! Você o matou!

SUPERIORA (tom *muito severo*): Irmã E!

IRMÃ E (angustiadada): Hoje eu não tive para quem dar o meu pão, nem o leite. Ah, procurei-o tanto, procurei-o tanto! (seca) E por isso me esqueci de plantar os girassóis na cerca.
(chora)

SUPERIORA: Basta. Irmã F.

IRMÃ F: Hoje o dia foi tão longo... Olhei o pássaro que pousou na janela. Tive vontade de ser.

SUPERIORA: Irmã G.

IRMÃ G (*muito velha*): Ah, não sei, não sei. Vivi pensando em comer, como sempre, é uma coisa do meu ventre. É doença.

SUPERIORA: É culpa. É culpa. Irmã H.

IRMÃ H (*grave*): Hoje eu não tenho queixa de mim.

AS NOVE FREIRAS JUNTAS (*cansada*): Oh novamente! Oh novamente!

SUPERIORA: Shhht. Pense. Pense.

IRMÃ H: Já pensei tanto. Não consigo encontrar. (as freiras entre entreolham-se e cochicham)

SUPERIORA: Shhht (*para H. Apontando o banco*) Ajoelhe-se lá. E pense. (*a Irmã H encaminha-se para o lugar indicado*) Irmã I.

IRMÃ I (*tom angustiado*): Eu pensei na minha pobre irmã o tempo todo. Queria que todas as minhas culpas não fossem minhas e sim...dela. Ela vai se lembrar. Ela vai se lembrar.

SUPERIORA (*muito severa*): Irmã I! Diga uma de suas culpas de hoje. Não foi o que lhe ordenei?

IRMÃ I (*quase refeita*): De tanto pensar nela...(*abaixando a voz*) e neles... não lavei o pátio, como devia. E depois a senhora que saber? Aquelas manchas onde eles pisaram nunca saem.

SUPERIORA (*severíssima*): Basta, basta. (*bate palmas três vezes. As freiras começam a cantar*)

AS NOVE FREIRAS JUNTAS (*menos a Irmã H*): *dominus vobiscum...*

SUPERIORA (*tom objetivo,rápido*): *Et cum spiritu tuo.*

(O Dominus Vobiscum é repetido três vezes, sempre mais intenso, tons agudos. O tom da Superiora não é cantante. É sempre rápido e grave. Depois do Dominus a Superiora bate palmas uma vez).

AS NOVE FREIRAS JUNTAS (*menos a Irmã H e a Superiora.Tom crescente*): *In nomine patris (chicoteiam-se uma vez nas costas) Et filii (chicoteiam-se várias vezes, descontroladas) Et spiritus sancti (chicoteiam-se)*

(As freiras repetirão a ritual três vezes. Na última vez o tom é agudíssimo. A irmã H recua sempre mais, até ficar bem próxima à cruz. A Superiora, depois do canto, bate palmas novamente. I olha em desespero para H. As freiras levantam-se. Saem em fila. A irmã H fica sozinha, examina febrilmente as manchas, o anjo. Para diante do anjo).

IRMÃ H: Mas tu serás assim tão velho? E tão triste? E eu poderia ainda re cantar como um dia te cantei? Se algum irmão de sangue, de poesia, mago de duplas cores no meu manto, testemunhou seu anjo em muitos cantos eu, de alma tão sofrida de inocências, o meu não cantaria? E antes deste amor, que passeio entre sombras! Tantas luas ausentes e veladas fontes! Que asperezas de tato descobri nas coisas de contexto delicado. Andei, em direção oposta aos grandes ventos. Nos pássaros mais altos meu olhar de novo incandescia. Ah, fui sempre a das visões tardias! Desde sempre caminho entre dois mundos, mas a tua face é aquela onde me via... Mas, tu serás assim tão velho e tão triste? (*entra a Irmã I. Abraçam-se*)

IRMÃ I: Por favor, por que você não inventa, meu Deus, uma culpa qualquer, um pensamento tolo, qualquer coisa?

IRMÃ H: Mas eu não posso. Você não vê que eu não posso? Eu não sei o que inventar... e depois... eu não consigo me esquecer... deles, você não entende? Deles.

IRMÃ I: Mas o que adianta você se lembrar, nós nos lembrarmos? Eles se foram. Foram embora. Não há mais nada o que fazer. Ficamos nós, neste lugar.

IRMÃ H: E havia o gato.

IRMÃ I: Ele morreu agora.

IRMÃ H: Tudo faz tão pouco tempo...

IRMÃ I: Faz muito tempo, meu Deus! Já faz muito tempo! Muito tempo.

IRMÃ H: E por que você acha que eles não podem voltar.

IRMÃ I: Porque é uma coisa evidente. Eles levaram todos. Você acha que não está bem claro? Que se nós ficamos, era para ficarmos?

IRMÃ H: Mas para que? Por que? Não tem sentido algum.

IRMÃ I: Mas você pode afirmar isso? Deve haver um sentido.

IRMÃ H: Ah, aquele sol lá fora, só aquele sol.

IRMÃ I: Mas aqui tem uma árvore, tem água, tem alimento. Onde é que você quer ir?

IRMÃ H: Será que você não compreende? E se foi à toa que nós ficamos? Por nada, por nada. Por esquecimento talvez. Por nada.

IRMÃ I: Então você acha que é possível que eles tenham se esquecido de alguma coisa?

IRMÃ H: E por que não? (*aponta as manchas*) Olha, olha!

IRMÃ I: O quê?

IRMÃ H: As manchas.

IRMÃ I: São as manchas de sempre. Você sabe. Foi na noite.

IRMÃ H: Não são as mesmas. Elas crescem a cada dia. Você não vê?

IRMÃ I: Não, não vejo. Por que é que você insiste? (*pausa*)

IRMÃ H: Escuta, se o animal morreu, não teve sentido ele ter ficado.

IRMÃ I: Mas milhões de animais ficaram. Devem estar por aí. A gente é que não vê.

IRMÃ H: Mas se ele morreu... se ele havia ficado... se ele havia ficado, não podia morrer, você não compreende? Não tem sentido.

IRMÃ I: Mas que sentido você quer dar a vida de um gato.

IRMÃ H: E nós temos algum sentido?

IRMÃ I: Nós faremos sacrifícios.

IRMÃ H: Mas sacrifícios pra quê? Não há mais para que, nem por que fazer sacrifícios. Então você mesma não disse que não há mais ninguém, ninguém? Só os animais.

IRMÃ I: Mas talvez me engane. Alguém certamente deve ter ficado, não é? E se fizermos tudo para não pensarmos mais nisso, hein? Por favor... por favor.

IRMÃ H: Você viu quanto tempo eles levaram... e quantos eram... o céu... coalhado... horas... dias, dias, que noites! Haverá alguém além de nós? Alguém?

IRMÃ I: Talvez. Alguém sim.

IRMÃ H: E será por esse ou por essa que eu farei tanto sacrifício? Vem comigo, por favor. Vamos embora. Quem sabe se eles estão colhendo gente ainda e nós não vemos?

IRMÃ I: Ainda que haja uma só criatura, devemos ficar e rezar por ela. Não fizemos o nosso voto? E se eles estão na colheita ainda, virão até nós um dia. Uma noite?

IRMÃ H (*rude*): Você não quer me ajudar.

IRMÃ I: Mas você não poderá jamais sair daqui. Nem eu. Há o muro.

IRMÃ H: Tenho certeza que nós arranharemos uma saída.

IRMÃ I: Uma saída? Você sabe que é impossível, você sabe que quem toma conta do muro é a mãe.

IRMÃ H: Mas ela dorme também, não é?

IRMÃ I: Dorme... você chama aquilo de dormir? Você acha que quem toma conta do muro pode dormir? E além disso existe a cerca que ela mandou fazer. A cinco metros do muro.

IRMÃ H: Mas a cerca não é frágil?

IRMÃ I: Mas o muro é altíssimo. E nem tem porta.

IRMÃ H: Deve haver cordas. Nós acharemos cordas. As do poço!

IRMÃ I: Mas não vão até a metade do muro.

IRMÃ H (*rude*): Você mente. Mentira.

IRMÃ I: Mas por que você acha que eu minto?

IRMÃ H: Porque nenhum muro pode ser tão alto, nenhum poço tão profundo. (pausa)

IRMÃ I (*aproximando-se da pequena janela*): Demorou tanto tempo, tanto tempo! E daqui, você pode ver as enormes feridas que ficaram nas montanhas de pedra. Vem. Olhe. O muro é tão alto, e as pedras são tão lisas. (*ouvem a porta abrir-se lentamente*) Olha, vem alguém. Não seria ela?

IRMÃ H: Não. É a nossa irmãzinha G.

IRMÃ I: Ainda bem. Que alívio.

IRMÃ G: Irmãgá! Irmãgá!

IRMÃ H: Sim, estou aqui.

IRMÃ G: Pobrezinha! Sabe, eu pensei se a senhora não teria por acaso uma rosquinha... Ah, Irmã I, a senhora também está, eu compreendo, quero ajudar a irmãzinha, não é? Não direi nada, nada, pode ficar sossegada, mas não tem uma rosquinha? Tenho tanta fome.

IRMÃ H: Não, não tenho.

IRMÃ G: Mas a senhora não disse que não teve para quem dar o seu pão e o seu leite? Antes era para o gato. Agora pode dar para mim. Ele morreu... foi maldade, mas ele morreu.

IRMÃ H: Mas não fui eu quem disse do leite do pão... Alguém disse isso?

IRMÃ G (*tom cantante*): Ai... Ai... A... í... A... í. Sempre me confundo.

IRMÃ I: Sempre nos confundimos.

IRMÃ G (*conta nos dedos*): A, B, C, D, E... Ah, é isso mesmo, foi a irmãzinha E, pobrezinha.

IRMÃ I: Quem sabe se a irmã D, porque matou e está aliviada, não lhe conseguirá uma comidinha?

IRMÃ H: É isso mesmo. Tente.

IRMÃ G: A irmã D? Deus me livre. Tenho muito medo. Ela põe sempre o veneno para cupins perto da nossa comida. Alguém menos avisado pode pensar que é mel. É da mesma cor... mas não tem mesmo uma rosquinha?

IRMÃ H: Não, não tenho.

IRMÃ I (*severa*): Ela nunca mente.

IRMÃ G: Mas é verdade, pode estar mentindo só para poder confessar uma culpa amanhã.

IRMÃ I (*severa*): Não, ela nunca mente.

IRMÃ H: Sinto muito, irmã G, mas é verdade. Não tenho mesmo nada.

IRMÃ G: Está tão escuro aqui... Vamos acender algumas velas? (*acende duas ou três velas*)

Bem... bem... (*aproxima o castiçal do rosto da irmã H*) Oh... mas está tão pálida, pobrezinha.

IRMÃ I: Está cansada.

IRMÃ G: De tanto pensar. (*olha para os lados cautelosa*) Neles, não é?

IRMÃ H: É verdade, não deixo de pensar neles, nunca.

IRMÃ G: Eu também os vi... e não sei se a senhora reparou.

IRMÃ I e H: O quê?

IRMÃ G: O hálito.

IRMÃ I e H: O hálito?

IRMÃ G: É... o que saía de dentro... era luminoso, quando eles moviam os lábios.

IRMÃ I: Eles moveram os lábios?

IRMÃ H: Não...

IRMÃ G: Sim, sim, moveram os lábios.

IRMÃ H: Mas quando?

IRMÃ G: Quando tocaram as pedras do muro.

IRMÃ I: Tocaram as pedras do muro?

IRMÃ G: Sim, sim, tocaram as pedras do muro.

IRMÃ I e H: Mas quando? (*ouve-se a porta abrir-se*)

IRMÃ H: Olhem... vem alguém.

IRMÃ I: Ó, meu Deus, outra vez.

IRMÃ G (*escondendo-se*): Eu não quero que ela me veja... Pode me deixar sem comer de pura maldade.

IRMÃ H: Não tenha medo, não é ela, não, é a Irmã A.

IRMÃ I: Ainda bem, que alívio!

IRMÃ G: Uf, uf!

IRMÃ A (*os olhos muito abertos*): Estão aqui? Tem alguém aqui? Ah, estão, que bom... A Irmãzinha G também está?

IRMÃ G: Estou aqui, sim. Quer alguma coisa.?

IRMÃ A: Ah, Irmãzinha, a minha vista, os meus olhos... hoje de manhã havia sol e eu me alegrei, mas agora...

IRMÃ H: Agora já é noite.

IRMÃ A: Eu sei, eu sei, mas...

IRMÃ G: Mas você quer sempre o sol, não é?

IRMÃ A: A senhora me compreende bem. Não sei se é a memória que nos confunde, mas havia tanta luz onde eu nasci. Não sei se era tanta, tanta luz, porque depois... (olha cautelosa para os lados) deles, o que nós vemos ainda é luz? Primeiro me vêm à lembrança certas águas... o rio, o rio enorme da infância. Um sol que cegava todos. A mim, não. E muitos diziam: só ela é que não põe a mão sobre os olhos, um dia certamente ficará cega. Mas isso não aconteceu. Vejo perfeitamente, só que à noite os olhos doem. Eles precisam da luz do sol, e por isso, para não incomodá-los, fico assim de olhos bem abertos... sempre há alguma luz ao redor, não é mesmo? Talvez a Irmãzinha G tenha alguma coisa para mim.

IRMÃ G: Não tenho nada e nem consigo lembrar-me se tenho ou não, com essa fome que estou.

IRMÃ A: A senhora está com muita fome?

IRMÃ G: Muita, muita. Por quê? Tem alguma coisa aí? Procurem. Procurem. (*as três freiras, A, I e H, procuram nos bolsos do hábito*)

IRMÃ I: Se eu tivesse... mas não.

IRMÃ H: E eu não tenho nada mesmo.

IRMÃ A: A senhora tem sorte, pois agora me lembrei desta maçã. Tome.

IRMÃ G: Uma maçã? Verdade? É verdade... mas onde foi que descobriu?

IRMÃ A: Na cozinha... de repente. Estava um pouco escondida, perto...

IRMÃ G (*interrompe*): Perto do remédio dos cupins?

IRMÃ I: Mas que idéia fixa Irmã G.

IRMÃ H: O remédio dos cupins é para os cupins.

IRMÃ G: E para o gato também...

IRMÃ A: Mas a senhora não é cupim nem é gato. Coma, coma.

IRMÃ G: Tenho tanto medo... a Irmã D não terá posto o remédio na maçã?

IRMÃ H: Meu Deus, desde Adão que não vejo tanto medo de maçã!

IRMÃ G: Aqui, nós todas temos muito medo.

IRMÃ A: Deles?

IRMÃ G: Não, da Madre.

IRMÃ A: Deles eu não tive medo nenhum.

IRMÃ H: A senhora os viu bem?

IRMÃ A: Como poderia deixar de vê-los?

IRMÃ I: Mas viu assim? Os olhos tão abertos?

IRMÃ A: Ah, nunca meus olhos se alegaram tanto.

IRMÃ G (*sempre comendo*): Sabe que eu não vi exatamente quando eles chegaram, mas depois, quando tocaram o muro... aí eu vi bem.

IRMÃ A: É verdade, tocaram o muro.

IRMÃ H: Mas eu não vi, eu não vi!

IRMÃ I: Nem eu.

IRMÃ A: Não é possível. Acho que todas viram.

IRMÃ G: Eu não disse? Tocaram sim.

IRMÃ A: E moveram os lábios.

IRMÃ G: Eu não disse?

IRMÃ A: E de dentro da boca saia uma corda de luz.

IRMÃ G: Não sei se era uma corda mas era bem luminoso.

IRMÃ H: Mas porque será que eles tocaram o muro.

IRMÃ I: Ninguém sabe.

IRMÃ G: Acho que era pra ver como era.

IRMÃ H: O tato.

IRMÃ I: A temperatura.

IRMÃ A: Da pedra?

IRMÃ G: Se você estivesse no mundo deles, também não gostaria de tocar o muro deles? (*a porta abre-se violentamente*) Ai, quem é? Que foi? O que foi? (*esconde-se*)

IRMÃ I: É você?

IRMÃ B: Sou eu mesma sim, o que foi?

IRMÃ G (*saindo de onde estava*): Quem é? Quem é?

IRMÃ H: É a Irmã B.

IRMÃ A: Precisava fazer assim? Tanto barulho?

IRMÃ B: Precisava.

IRMÃ G: Por quê?

IRMÃ B: Para vencer o medo.

IRMÃ H: Você também tem medo?

IRMÃ B: Sim, eu também tenho medo.

IRMÃ A: E por que...

IRMÃ B (*interrompe*): Porque hoje eu vi terra e sombra. Fui junto do muro.

IRMÃ A: Junto do muro?

IRMÃ H: Você chegou até o muro?

IRMÃ B: Não. Agora existe a cerca. Mas havia a sombra do muro. É quase a mesma coisa. E perto da cerca a terra estava revolvida.

IRMÃ G: É por causa dos girassóis que serão plantados amanhã. Você tem alguma coisa aí?
(*procura nos bolsos da Irmã B*)

IRMÃ B: Os girassóis... Isso se a nossa Irmã não continuar a procurar o gato.

IRMÃ H (*Para a Irmã B*) Diga de uma vez porque é que ela quer que a gente esqueça do muro.

TODAS: Diga, diga.

IRMÃ B: Mas é tão claro! Antes... quando (*olha para os lados*) eles ainda não tinham vindo, a gente quase encostava no muro, na hora da meditação e da leitura. Agora, se você vai só até a cerca, ela pede para que se afaste.

IRMÃ I: Ela pediu isso pra você?

IRMÃ B: Pediu. Foi à tardinha. Fui ver se as covas eram suficientes para os girassóis e estava lá examinando quando ela disse: (*aparecem a Superiora e a Irmã B, destacadas junto à cerca*)

SUPERIORA: Afaste-se daí.

IRMÃ B: Vim ver os girassóis.

SUPERIORA: Mas não há girassóis.

IRMÃ B: Eu sei. Mas vim ver se as covas estão prontas para os girassóis.

SUPERIORA: Isso não é o seu trabalho.

IRMÃ B: Mesmo assim, o que é que tem, Madre? Sempre gostei tanto de ajudar.

SUPERIORA: Ajude-se a si mesmo. Olhe cada vez mais para baixo, mas não neste lugar.

IRMÃ B: E será que eu posso perguntar por quê?

SUPERIORA: Não deveria, mas posso responder: se ficar por perto terá vontade de colher as sementes dos girassóis quando eles crescerem.

IRMÃ B: E isso teria muita importância, Madre?

SUPERIORA: Lógico. Olhando para o alto, na hora de colher as sementes, você veria o muro.

IRMÃ B: Nós sempre veremos o muro, Madre. De qualquer lado que se olhe... E mesmo se eu não colher as sementes, a outra Irmã há de fazê-lo. A Irmã E. Ela verá o muro.

SUPERIORA: A Irmã E só sabe ver o gato.

IRMÃ B: Mas o gato morreu hoje de manhã.

SUPERIORA: Mas ela continuará a procura-lo sempre. Nunca viu nada além do gato. E basta.

Afaste-se daí. (*some*)

Plano de capela.

IRMÃ H: E por que seria?

IRMÃ B: Porque eles tocaram o muro, não será?

IRMÃ A: Ah, você também viu?

IRMÃ G: Todas viram.

IRMÃ H e I: Nós não.

IRMÃ G: É porque duas só vêm a si mesmas... e o gesto do outro fica inútil... invisível.

IRMÃ H: Mas nós duas vimos os seres, não foi, minha Irmãzinha?

IRMÃ I: Sim, é preciso esquecer... mas vimos.

IRMÃ B: Mas não perto do muro.

IRMÃ H: É. Isso não.

IRMÃ I: E por quê seria?

IRMÃ A (*para a Irmã I*): Talvez porque para a senhora o muro é maior do que devia?

IRMÃ H: E para mim? Não perco jamais a esperança, já disse... se houvesse cordas...

IRMÃ G: Ainda que as houvesse...

IRMÃ H: Por quê? A senhora fala assim? Não vê que eu sofro? Que desejo tanto ir além do que me prende?

IRMÃ A (*para a Irmã H*): E a senhora iria... (*aponta para a Irmã I*) sem ela? (*Irmã H abaixa a cabeça*).

IRMÃ G: O sangue tem cordas invisíveis. (*ouvem a porta abrir-se*)

IRMÃ I: Shht! Shht!

IRMÃ G(*escondendo-se*): Não posso comer em paz com esse entra e sai.

TODAS JUNTAS: Irmã C! (*suspiram aliviadas. Irmã G sai de onde ela se escondeu.*)

IRMÃ C (*gemendo*): Ai. Ai. Ai.

IRMÃ B: Meu Deus, ela está cheia de sangue.

TODAS JUNTAS: Sangue!

IRMÃ C: Estou sempre assim. É todos os dias a mesma coisa na hora da confissão e do castigo.

IRMÃ H: Não. O que a senhora disse é:

TODAS JUNTAS: Hoje olhei para dentro de mim. Havia sangue. Tive medo.

IRMÃ I: E, se é por dentro, como saberemos nós?

IRMÃ C: Mas é a mesma coisa. Então não vêem?

IRMÃ H: Imagine... as nossas coisas de dentro são tão complicadas.

IRMÃ A: Milhares de ramificações.

IRMÃ I: As vezes até sem sentido.

IRMÃ C: Nunca!

IRMÃ A: A luz, o sol é que nos faz ser assim como somos.

IRMÃ C: Aquela luz me fez mal... quando (*olha para os lados*) eles vieram, na noite, foi minha noite pior.

IRMÃ H: Todas viram então. Menos a Madre. Por quê seria?

IRMÃ I: Quando nós queremos falar nisso, ela sempre diz: “Eles já se foram, basta!”

IRMÃ C: Aquela noite tudo em mim pedia complacência.

IRMÃ G: E eu tinha muito menos fome, muito menos, lembro-me perfeitamente, porque isso é quase impossível em mim.

IRMÃ A: E sabem? Quando fechei os olhos, naquela noite, não senti muita dor.

IRMÃ B: Engraçado... e eu, antes deles aparecerem estava justamente pensando que não era só terra e sombra o que existia. Mais fundo, mais fundo... Existia outra coisa. A terra não é só o que se vê. Mas eu não sei como chamar isso que eu sentia.

IRMÃ I: Seria fadiga?

IRMÃ C: Será que nós estávamos tão fatigadas e por isso é que vimos?

IRMÃ H: Nunca! Eles deixaram as manchas... Aqui (*aponta para a parede*)

IRMÃ I: E no pátio!

IRMÃ B: Eles tocaram o muro.

IRMÃ A: Moveram os lábios.

IRMÃ G: Tinham o hálito luminoso.

IRMÃ C: Eles... sangravam.

TODAS JUNTAS: Sangravam?!

IRMÃ C: Sim! Essas manchas na parede e aquelas outras no pátio são manchas de sangue.

IRMÃ H (*Em pânico*): Mas não é possível... são tão escuras. (*todas tocam as manchas vagorosamente, menos a Irmã G*)

IRMÃ G: É que já faz muito tempo. É bem possível que seja de sangue. Vocês acham que eles tocariam o muro impunemente?

IRMÃ H (*examinando as manchas*): De sangue?

IRMÃ I: De sangue?

IRMÃ C (*tentando alcançar uma nuvem mais alta na parede e raspando-a com a unha*): Olhem, se vocês rasparem assim, elas ficam mais claras.

IRMÃ A: Deixa ver.

IRMÃ B: É sim. Raspando é vermelho vivo, olhem, venha ver Irmãzinha G.

IRMÃ G: Eu já sei, eu já sei.

IRMÃ H: A senhora já sabia que as manchas eram de sangue?

IRMÃ A: Sabia nada. Ela nem tem memória.

IRMÃ I: Será que todas são assim? Por dentro vermelho vivo?

IRMÃ C: São todas iguais .

IRMÃ H (*enjoada*): Sangue.

IRMÃ I (*para a Irmã H*): A nossa mãe me disse uma vez que quando você nasceu, foi difícil limpar o teu rosto... estava cheio de sangue.

IRMÃ H (*enjoada*): Você nunca me disse isso.

IRMÃ A: Sai sangue quando as crianças nascem?

IRMÃ B: Lógico. Sai sangue... muito.

IRMÃ A (*olhando-se e olhando as manchas com horror*): Não...

IRMÃ H (*para a Irmã I*): E depois ? Depois limparam o meu rosto ?

IRMÃ I (*sorrindo*): Limparam sim. Mas você chorou tanto.

IRMÃ A: Ela não queria que a limpassem?

IRMÃ C: Ela queria crescer cheia de sangue.

IRMÃ I: Ela fechava as mãozinhas e parecia pedir: “me deixem assim, me deixem assim”.

IRMÃ G: É sempre muito difícil a gente se limpar.

IRMÃ H: Mas não era eu que me limpava.

IRMÃ G: Mas é sempre muito difícil. Muito.

TODAS: Por quê?

IRMÃ G: Porque é inútil querer desfazer-se de todas as culpas.

IRMÃ H: Não fale assim.

IRMÃ G: Não é preciso carregá-las...sempre. É como alguém que está habituado a cada dia com seu feixe de lenha sobre os ombros. Experimente tirar. Esse alguém andar sempre curvado.

IRMÃ B: Nada disso é verdade. Ela não tem memória.

IRMÃ C: Ela só tem fome. Vocês não vêem?

IRMÃ A (*voz baixa*): Ela já está aqui há quinhentos anos.

IRMÃ G: Eu sempre estive. E sempre tive esta fome.

IRMÃ I (*rindo*): Ela tem bons ouvidos. (*todas riem*)

IRMÃ G: Eu vi muitas iguais a vocês. Algumas...se tocavam, assim, assim, como se fosse possível descobrir pelo tato as invasões do tempo. E outras choravam. Uma chegou a dizer: “eu vou matar esse meu corpo que só conhece a treva”. E por aqui, no pescoço, ela ficou negra.

IRMÃ H: Por quê?

IRMÃ G: Porque ela quis conhecer o seu próprio desgosto. E é sempre aqui (*passa a mão no pescoço*), nessa faixa do medo, que a palavra tenta explicar-se e sair.

IRMÃ I: Ela falava?

IRMÃ G: Falava e chorava muito. Aqui na capela ela discursava. E tudo o que ela falou eu agora tento engolir.

IRMÃ C: Como é difícil entender o que ela diz. (*ouve-se um ruído*) O que é?

IRMÃ I: Você também ouviu?

IRMÃ G: Talvez seja um rato.

IRMÃ A: Não é ninguém.

IRMÃ H (*dirigindo-se à janela*): Eu não sei porque temos tanto medo que ela venha até aqui. Da janela podemos ver o que passa lá, perto do muro... olhem... ela já está lá! E conversa com a Irmã D.

IRMÃ A: Com a Irmãzinha que matou o gato?

IRMÃ B (*dirigindo-se à janela*): É mesmo! O que será que elas dizem?

(Luz violenta sobre a Superiora e a Irmã D, junto à cerca).

SUPERIORA (*para a Irmã D*): Você fez bem em matá-lo. Ele movia-se com muita liberdade.

Mas eu nunca posso dizer essas coisas diante das outras.

IRMÃ D: Elas têm esperança. E a eterna vontade de falar sempre neles.

SUPERIORA: Que história... A noite toda passam acordadas por causa disso. Estão na capela, como todas as noites, e imaginam que eu não sei. (*olha para cima, para a capela. As outras afastam-se da janela rapidamente. Superiora e Irmã D somem*)

IRMÃ I: Será que elas nos viram?

IRMÃ C: Nem pensem nisso. Elas só pensam em tomar conta do muro.

IRMÃ H: A Irmã D também?

IRMÃ I: Não.

IRMÃ A: Não.

IRMÃ B: Não.

IRMÃ C: Sim, a Irmã D também. Vocês não estão vendo? Vocês não sabiam?

IRMÃS H, I, A, B: O quê?

IRMÃ C: Que ela também toma conta do muro?

IRMÃS H, I, A, B: Mas por quê? (*indo à janela novamente*)

IRMÃ C: Porque ela matou o gato!

IRMÃ H: Que estranho. O que tem uma coisa a ver com a outra?

IRMÃ G: Não é nada estranho. Uma matou o gato, a outra nos sufoca até...até...Em breve, serão cúmplices. Então. (*todas voltam à janela, menos a Irmã G*)

(Luz violenta junto à cerca e sobre a Superiora e a Irmã D.)

SUPERIORA: Ainda que elas consigam tocar o muro, não adianta.

IRMÃ D: Ainda que existam ótimas fotografias...deles.

SUPERIORA: E relatórios.

IRMÃ D: E monografias.

SUPERIORA: E estatísticas convincentes.

IRMÃ D : Auditórios repletos.

SUPERIORA : Conferências.

IRMÃ D : Pesquisas.

SUPERIORA : Trocas.

IRMÃ D : De órgãos vitais.

SUPERIORA : Substanciosas.

IRMÃ D (*apontando a cabeça*): O tálamo, o hipotálamo.

SUPERIORA : Devassado.

IRMÃ D : Compreendido.

SUPERIORA (*aponta a cabeça*) : A zona do silêncio.

IRMÃ D : Em mil tarefas exatas...

SUPERIORA : Ainda assim.

IRMÃ D : Não adiantaria...

SUPERIORA : Um outro muro maior se ergueria. (*somem*)

IRMÃ G : Olhe um rato.

IRMÃ H : Onde?

IRMÃ G : Lá, lá... agora escondeu-se. (*pausa*) Dizem que o rato tem dois tons.

IRMÃ A : Dois tons? Como é isso?

IRMÃ G : Um é sobre a pele, escuro e modulado, conforme suas heranças e seu patriarcado.

IRMÃ H : Às vezes é branco.

IRMÃ I : Ah, isso é raro.

IRMÃ G : Mas nem tanto... Se a senhora quiser ver um rato branco, procure na limpeza. Homens do mesmo tom descubrem as suas vísceras com tais delicadezas, que é preciso parar para espiar tanta pesquisa e sutileza.

IRMÃ B : Então é o rato que ajuda o homem a ser mais homem?

IRMÃ C : Ou menos realza. (*pausa*)

IRMÃ H (*pensando*): O rato tem dois tons?

IRMÃ G : Um outro mais fundo: uma ânsia de ser vertical e agudo. A senhora nunca viu um rato sobre o muro... naquela pedra lisa?

IRMÃ I : Não... mas talvez fosse porque havia o gato.

IRMÃ G: Nem por isso... E se o rato chegasse até lá, na manhã ou no escuro, não poderia libertar-se?

IRMÃ A: De qualquer forma não seria sempre um rato?

IRMÃ G: Seria um rato sobre um muro. Olhando para o alto, pode ver o mais fundo.

IRMÃ C: E olhando para baixo.

IRMÃ G: Você quer dizer para dentro de si mesmo?

IRMÃ C: Assim como eu tenho feito sempre.

IRMÃ G: Pode ver sangue. Mas no alto, saberá resistir.

IRMÃ B (*repensando*): De qualquer forma, ser rato é: primeiro, sendo branco, ficar entre tramas de alguns homens de branco.

IRMÃ H: Segundo: ser escuro e moldado segundo suas heranças e seu patriarcado, mas tentar subir, subir sempre. (*sorrindo*) Imaginar que é homem e nunca desistir.

IRMÃS I, A, B, C (*fazendo um gesto vertical, com a mão distendida*): Assim?

IRMÃ G: Sem limites.

IRMÃ I (*na janela*): Devíamos ter pensado nisso antes. Muito antes.

IRMÃ A: No quê? No rato?

IRMÃ I: Não. Em olhar pela janela e sossegar. Tivemos tanto sobressalto quando era tão simples olhar.

IRMÃ G: Parece simples... parece simples.

IRMÃ H (*olhando o anjo*): Eles eram quase assim.

IRMÃ G: Mas de hálito luminoso.

IRMÃ A: Como uma corda.

IRMÃ B: E tocaram o muro.

IRMÃ G: E moviam os lábios.

IRMÃ C: E sangravam.

(*Entra a Irmã F, vagarosamente.*)

IRMÃ F: Fiquei sozinha durante muito tempo.

IRMÃ A: E por quê não veio antes? Você sabe que estamos sempre aqui.

IRMÃ F: Fiquei olhando o pássaro que posou na janela.

IRMÃ I: Mas até agora?

IRMÃ F: Sim.

IRMÃ B: Não pode ser. Já é tão tarde.

IRMÃ F: Ele está sempre lá. Vocês é que não o vêem.

IRMÃ C: Mas não foi só hoje que você confessou essa culpa?

IRMÃ F: Só hoje? Imagine! Eu digo isso todos os dias. Vocês é que não ouvem.

IRMÃ G: Mas isso pode ser? Será assim?

TODAS JUNTAS: Não, não pode ser.

IRMÃ H: Só hoje que você confessou.

TODAS JUNTAS: O dia foi tão longo. Fiquei olhando o pássaro que pousou na janela. Tive vontade de ser.

IRMÃ F: Nós nunca nos ouvimos... nunca. Porque sempre pensamos... neles.

IRMÃ C: Neles... e no rato.

IRMÃ F: Um rato esteve aqui?

IRMÃ B: Esteve mas não deixou vestígios.

IRMÃ A: E nós deixaremos algum vestígio, um dia?

IRMÃ H: Deixaremos uma testemunha?

IRMÃ G(*deixando de comer pela primeira vez*): Sim, esta: a cruz. (*pausa*). Sabem o que Ele disse um pouco antes de ser crucificado?

TODAS JUNTAS: “Ó sagrada cruz! Ergue-me a ti, sagrada cruz. Eles hão de me crucificar sobre ti e tu serás minha testemunha. Toma-me. Não chores, mas alegra-te. Tu levarás a coroa do meu reino.”

(*Entram a Irmã Superiora e a Irmã D, carregando um pequeno caixão como de uma criança. Branco.*)

TODAS JUNTAS: Oh!

SUPERIORA: Ela se matou. Não tinha mais para quem dar o seu pão e o seu leite.

IRMÃ H: Mas ela está aí? Neste caixãozinho?

SUPERIORA: Ela era uma mulher-criança. E as mulheres-crianças ficam deste tamanho quando morrem.

IRMÃ A: E ainda existe alguém que se mata por causa de um gato? Que se mata?

SUPERIORA: É evidente, se ela está morta.

IRMÃ C: E não seria por outra coisa? Talvez pelas próprias culpas?

IRMÃ H (*em aflição*): Não fale assim, não fale assim, meu Deus, nós temos que chegar até o muro. (*vai até a janela*) Olhem, olhem aquela ferida enorme nas montanhas de pedra... Tudo isso não deve ser em vão. Ninguém arranca as vísceras de uma montanha por nada.

IRMÃ I: Mas se arrancam as vísceras do rato, porque não arrancariam as da pedra?

SUPERIORA: (*para a Irmã D*): Eu não disse que elas ficam patéticas diante da morte?

IRMÃ H: (*com firmeza*): Nós queremos chegar até o muro.

SUPERIORA: Vocês sabem que é impossível.

IRMÃ D: É inútil, é inútil.

TODAS: (*menos a Irmã G e Irmã D*): Por quê?

SUPERIORA: Porque sempre foi assim.

IRMÃ D: Sempre.

IRMÃ B: Não é verdade o que elas dizem. Nós podíamos quase encostar no muro, na hora da meditação e da leitura. Não é verdade?

SUPERIORA: É verdade somente nessa hora. Mas assim mesmo vocês nunca chegaram muito perto. Por quê?

IRMÃ B: Não sei...

IRMÃ H: Vocês sabem?

IRMÃ A: Eu não.

IRMÃ C: Eu também não sei.

IRMÃ F: Nem eu.

IRMÃ D (*ri altíssimo*): Elas nem sabem o que querem. Chegaram tão perto...

SUPERIORA: É porque o muro parece tão irreal agora que vocês o desejam.

IRMÃ H: A senhora quer nos confundir.

IRMÃ G: Nós nos confundimos sempre.

IRMÃ C (*referindo-se à Superiora*): Só quando ela está por perto. Temos medo.

SUPERIORA: Vocês têm medo de mim?

IRMÃ F: Mas aos poucos perderemos.

SUPERIORA: Vocês têm medo é disto. (*aponta o caixão*)

IRMÃ I: Imagine, eu posso até toca-lo.

IRMÃ A: Eu também. E vocês?

IRMÃS B,C e F: Nós não temos medo. (*tocam o caixão*) Pronto.

IRMÃ H: Nem temos medo... deles.

SUPERIORA: Deles, quem?

IRMÃ H: A senhora sabe muito bem. Os seres.

SUPERIORA: Os estrangeiros?

IRMÃ I: Os que vieram na noite.

SUPERIORA: Cada uma de vocês pensará sempre nessa possibilidade.

IRMÃ H: Que possibilidade?

SUPERIORA: De chegar até o muro.

IRMÃ A: De subí-lo.

IRMÃ B: Transpô-lo.

IRMÃ C: Ver mais adiante.

IRMÃ D: É inútil. É inútil.

IRMÃ F (*vibra as mãos como se fossem asas, cada vez mais alto*): Como um pássaro... como um pássaro!

IRMÃ H: É preciso que nós façamos tudo na noite. A noite é sempre melhor para essas empresas.

IRMÃ I (*olhando pela janela*): Lua... baça.

IRMÃ H (*em aflição*): O quê?

IRMÃ I: Lua... baça.

IRMÃ H (*indo rapidamente até a janela*): Apenas uma névoa. Vamos.

SUPERIORA: E se eu disser a vocês que isso é impossível.

IRMÃ B: Nós temos força. Somos em maior número.

IRMÃ A: Todos esses ritos, todos os dias... sempre na sombra.

IRMÃ C: E eu estou cansada de sangrar.

IRMÃ F: Como um pássaro... como um pássaro!

IRMÃ G: Eu não me canso de comer. É uma coisa do ventre. É doença.

SUPERIORA: É culpa. (*Todas voltam para a Superiora*)

IRMÃS A, B, C e F (*tom cantante, crescente. Tensão*): Ai... sim... AAAííí...A...í.

IRMÃ H: Parem! Parem! Vocês não vêem que ela está tentando nos deixar sem resposta? Que quando ela fala na culpa nós pensamos no tempo? E que diante dela nós nos comportamos como um brinquedo de corda? Que estamos fartas de ficar diante da morte e da renúncia?

IRMÃ G: Olha o rato.

SUPERIORA (*para a Irmã H. Severa*) O rato é você. Que deseja subir e ver. (*tom crescente, procurando tensão*)

IRMÃ D: No entanto, no entanto.

SUPERIORA: Ainda que tu subisses...

IRMÃ D: Aquela pedra lisa...

SUPERIORA: E assistisses...

IRMÃ D: Ao mais fundo, ao mais alegre.

SUPERIORA: O mais triste...

IRMÃ D: Ainda que tocasses...

SUPERIORA: Àquela pedra rara...

IRMÃ D: E deixasses o vestígio...

SUPERIORA: De uma mancha...

IRMÃ D: Escura ou clara...

SUPERIORA e IRMÃ D: Ainda... Ainda.

SUPERIORA: Não seria o suficiente...

IRMÃ D: Para o teu desejo de ser mais.

SUPERIORA: E mais, e mais... (apontando a Irmã G) como a tua vontade enorme de comer!

IRMÃ G (tom cantante): Oh, Senhor de todas as nossas culpas, entristecei-vos.

SUPERIORA: Hein? Como disseram?

IRMÃ H: Não respondam, por favor, na respondam!

TODAS (menos a Irmã H) (tom agudo): Alegrai-vos para que nós não nos esqueçamos de todas as nossas culpas.

IRMÃ H: Parem pelo amor de Deus, parem!

SUPERIORA: São muitas?

TODAS (menos a Irmã H) (tom cantante): Muitíssimas.

SUPERIORA: Quantas?

IRMÃ H: Não, não continuem! (repetindo "PAREM", até a exaustão)

TODAS (diversos tons): Tan...tas, tan...tas, tan...tas, tan...tas.

(Irmã H aproxima-se da Irmã I, agarrando-a sempre repetindo "PAREM". Rola pelo chão.)

FIM.